



SEÇÃO: ENSAIOS

As figurações do amor na poesia de Leodegária de Jesus

The configurations of love in Leodegária de Jesus' poetry

Mariana de Oliveira

Borges¹

orcid.org/0000-0002-9270-6232

marianaborges.mob@gmail.com

Lara Kamyla Paulina

Falcão¹

orcid.org/0000-0002-7163-2991

larakamyla49@gmail.com

**Maria Aparecida Barros
de Oliveira¹**

orcid.org/0000-0001-7616-5459

ciidabarro@yahoo.com.br

Recebido em: 13 mar. 2022.

Aprovado em: 20 jun. 2022.

Publicado em: 23 set. 2022.

Resumo: A história da literatura goiana é marcada pela expressiva presença de autoras femininas que não produziram em grande escala, mas deixaram registrado na literatura o seu legado, contribuindo, assim, para a ampliação das versões de mundo. Dentre as poetisas, Leodegária de Jesus se destaca no cenário com as obras *Corôa de Lyrios* e *Orchideas* – as únicas produções publicadas que durante muito tempo caíram no esquecimento, mas que se tornaram referência na literatura do século XX. O presente artigo busca evidenciar, em algumas poesias selecionadas, como o amor é representado e como as estéticas de diferentes períodos literários foram mescladas e dispostas em suas obras. Por fim, busca-se resgatar a importância de Leodegária de Jesus enquanto precursora da lírica de autoria feminina em Goiás.

Palavras-chave: Leodegária de Jesus. Figurações do amor. Literatura de autoria feminina

Abstract: The literature history in Goiás is marked by the significant presence of female authors who did not produce on a large scale, however, registered their legacy in literature, thus contributing to the expansion of versions of the world. Among poetesses, Leodegária de Jesus stands out on stage with the literary works *Corôa de Lyrios* and *Orchideas* – the only published productions, which for a long time were forgotten, but became a reference in 20th century literature. This essay aims to highlight, in selected poetry, how love is represented and how the aesthetics of different literary periods were mixed and arranged in Leodegária's works. Lastly, the objective is also to rescue the importance of Leodegária de Jesus as a precursor of women's literature in Goiás.

Keywords: Leodegária de Jesus. Love figurations. Female Authored Literature.

Introdução

Estudar a poesia de Leodegária de Jesus é uma forma de contribuir para o não apagamento de uma escritora negra e de região periférica que abriu caminhos para a literatura de autoria feminina em Goiás. Leodegária Brazília de Jesus publicou *Corôa de Lyrios* no ano de 1906, por volta dos 17 anos, tornando-se a primeira mulher a publicar um livro de poesias em solo goiano. No ano de 1928, publica seu segundo livro, *Orchideas*, ainda mantendo o *status* de única poetisa a publicar (DENÓFRIO, 2019).

Leodegária, mulher e escritora negra, foi uma figura notória. Nascida em 08 de agosto de 1889, apenas um ano após a abolição da escravatura, transgrediu as barreiras de sua época e, além de ser a primeira mulher a publicar em Goiás, publicou junto a homens mais velhos e, segundo Darcy França Denófrío (2019), com uma qualidade que se equipara às



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Estadual de Goiás (UEG), Porangatu, GO, Brasil.

produções já existentes à época.

Em suas duas obras, alguns temas românticos são recorrentes, dentre eles o amor pela família, por quem tudo sacrificou; o amor correspondido, mas não concretizado; o amor telúrico; o amor à natureza e o amor voltado à religião. Neste artigo, buscamos identificar e analisar as figurações que o amor assume na poesia leodegariana, a fim de caracterizá-lo e compreender o papel que desempenha em sua poesia. Ademais, objetivamos reconhecer elementos estilísticos empregados na composição dos poemas. Pesquisar as obras de Leodegária de Jesus na academia pode fazer com que a autora seja estudada em salas de aula e saia do anonimato literário de que tão injustamente faz parte.

Assim, este trabalho busca valorizar e contribuir para a visibilidade da obra de uma mulher negra que se tornou parte da conjuntura intelectual goiana ainda muito jovem. Sua obra pode ser motivo de inspiração e orgulho para meninas e mulheres que, independentemente da idade, têm o direito de conhecerem a obra leodegariana, bem como os caminhos literários que ela nos abriu. Na percepção de Denófrío (2019, p. 53), Leodegária é uma herdeira e influenciadora de novas gerações. Mesmo que não admitissem, todas as escritoras que hoje produzem são herdeiras do caminho traçado por ela em Goiás.

Dentre os seis períodos da literatura goiana, caracterizados e divididos por Gilberto Mendonça Teles (1983), Leodegária está enquadrada no terceiro momento, que compreende os anos entre 1903 e 1930. Segundo o autor, nesse período, o Romantismo conquistou popularidade, ao lado de ideias parnasianas e simbolistas. Denófrío (2019) reitera essa afirmação advertindo que Leodegária é romântica no conteúdo e parnasiana na forma. Entretanto, não só a poetisa em tela produziu anacronismos em Goiás quanto às escolas literárias, como também os demais autores que publicaram na época, porque enquanto Goiás vivia o apogeu do Romantismo, em pleno século XX, o restante do país já se encantava pelo Modernismo (TELES, 1983, p. 74).

Sobre a publicação de *Orchideas*, Gilberto

Mendonça Teles (1983, p. 82) afirma: "Revela nesse livro uma parnasiana [...] descritiva, paisagística, sem nenhuma originalidade entretanto". Mesmo recebendo uma dura crítica, foi a primeira e única mulher a aparecer na antologia deste período. Salienta-se que Teles (1983, p. 71) reconhece a importância de Leodegária de Jesus e outras três mulheres: Cora Coralina, Rosa Godinho e Alice Santana. Tais escritoras dirigiram o semanário *A Rosa*, um importante meio de socialização das ideias literárias da cidade de Goiás. Deste modo, verifica-se que a escritora possui relevância para a literatura, pois contribuiu efetivamente para a compreensão da arte goiana no século XX, além de ter colaborado na movimentação e ascensão da cultura literária de outros escritores, através do semanário que codirigiu.

1 A literatura produzida em Goiás no início do século XX

A literatura goiana, escrita no período de 1900 até meados de 1940, é marcada por um grande entusiasmo intelectual. Entusiasmo esse motivado pela movimentação política da época, com a República tomando forma e os estados se desenvolvendo com seus representantes. Foi nessa fase que os jovens intelectuais se viram amparados e confiantes para produzir arte e o surgimento das Academias de Direito e Letras em Goiás, nos anos de 1903 e 1904, foi fundamental para que a literatura se desenvolvesse e se tornasse cada vez mais atuante.

A princípio, o Romantismo dominou as escritas poéticas, mesmo se encontrando em estado de decadência nas metrópoles brasileiras da época. Segundo Teles (1983), os escritores se encontravam num momento de escapismo, marcado pela ausência de traços locais e pela tentativa de reverberar os temas mais cultivados na literatura nacional.

Nos primeiros anos do século XX, em Goiás, a literatura estava majoritariamente direcionada ao jornalismo e às Academias que surgiram como uma grande oportunidade para os intelectuais. Teles destaca que:

Os nossos primeiros críticos foram os próprios poetas e prosadores (cronistas, historiadores) e jornalistas bem intencionados, não passando, entretanto, os seus trabalhos de meras considerações impressionistas ou gramaticais, quando não se revestiam simplesmente de caráter informativo ou lisonjeiro (1983, p. 21).

Assim dizendo, havia uma volumosa produção de jornalismo literário em Goiás, iniciada ainda no final do século XIX. A título de exemplo, o jornal *A Rosa* que era dirigido exclusivamente por mulheres. Mesmo com abundante produção, o estado goiano era considerado periférico e de difícil comunicação. Antes da Era Vargas se instaurar no Brasil, Goiás não atraía olhares externos, já que sua economia era apenas de subsistência. Pode-se dizer que a intervenção do governo Vargas foi fundamental para Goiás, tirando-o do isolamento em que se encontrava, em especial, a partir da construção da nova capital.

Leodegária surge nesse momento com a publicação de *Corôa de Lyrios* que Darcy França Denófrío (2019) define como uma obra romântica pelo conteúdo, mas parnasiana pela forma, confirmando o ecletismo de escolas literárias que estavam superadas em âmbito nacional, mas que foram cultivadas com fervor nesse período em Goiás.

De início, investigaremos o amor telúrico devotado à terra onde nasceu, estudou e criou laços e que ganhou notório espaço tanto em *Corôa de Lyrios* quanto em *Orchideas*, as únicas obras publicadas pela autora em tela.

2 “Voltar a ti, ó terra estremecida...”: o telúrico na obra leodegariana

É evidente nas poesias de Leodegária a presença de um singelo afeto pela terra natal, sendo esse o amor mais explícito. Afeto esse, que se revela tanto pelo reconhecimento da beleza da terra amada atrelada à ideia de infância perdida, quanto à referência aos lugares visitados na infância e “hoje” revividos pela recordação.

Quando escreveu *Orchideas*, já havia se mudado de Goiás e residia em Belo Horizonte, Minas Gerais; entretanto, o afeto e a saudade pela terra querida só intensificaram.

O amor telúrico pode ser entendido como o afeto que se tem por um determinado território geográfico, e pode ser percebido em vários poemas, como em “Supremo Anhelo”. No *Dicionário de símbolos* de Chevalier e Gheerbrant (2006), a terra está associada à virgindade, fertilidade e maternidade, dentre outras, sendo responsável pela origem de toda a vida. Nesse sentido, estar ligado à terra representa estar conectado ao cosmo, à essência da vida bem como ao seu fim, já que a terra é “matriz universal” (ELIADE, 1957, p. 144). Vamos ao poema:

Supremo Anhelo

Voltar a ti, ó terra estremecida,

E ver de novo à doce luz da aurora, O valle,
a selva, a praia inesquecida, Onde brincava
pequenina outr’ora;

Ver uma vez ainda essa querida Serra Dourada
que minh’alma adora; E o velho rio, o Cantagallo,
a ermida, Eis o que sonho unicamente agora.

Depois... morrer fitando o sol no poente, Morrer
ouvindo ao desmaiar fagueiro De tarde estava
o sabiá dolente.

Um leito, emfim, bordado de boninas, Onde
dormisse o somno derradeiro, Sob essas verdes,
placidas collinas (JESUS, 1928, p. 21).

O soneto “Supremo Anhelo” traduz o anseio do eu lírico para voltar a Goiás uma última vez. Este poema demonstra o desejo de retornar ao espaço físico onde crescera e, mostra em seus versos o quão marcante e bonita considera sua terra através dos adjetivos “doce luz”, “inesquecida” e “querida” (JESUS, 1928, p. 21). A possibilidade de retorno ao espaço onde viveu a infância é alento às dores da poetisa, visto que segundo Walter Gonçalves Campos (2020, p. 139), lembrar esse período “traz alento e sossego ao coração”.

Assim, o eu poético viaja para o cerrado, aqui representado pelo vale, selva, Serra Dourada e pelo rio Cantagallo. Esse sentimento telúrico revela ao leitor que a saudade não é apenas de sua terra, mas de uma infância que não volta mais. O encanto e retorno à infância são resgatados porque antecede as dores que viriam a sentir na adolescência – a impossibilidade de viver um amor – e as dores da vida adulta – a marcante cegueira e perda do pai. Mostra-se a evasão a um período anterior às dores. Estas dores, inclusive,

são marcas presentes em outros poetas, logo, há uma tradição sendo construída acerca de temas comuns ao Romantismo.

A metáfora do fim da vida tem como cenário o pôr do sol. Leodegária consegue descrevê-la de forma agradável em "Supremo Anhele". Morrer pode ser um temor para muitas pessoas, mas a escolha do adjetivo "fagueiro" transmite calma ao leitor diante dessa descrição do eu-lírico, que vê a morte como um fenômeno natural. Além de ser parnasiano na forma, o poema aponta para uma temática cara aos românticos e simbolistas: a morte. Todavia, no poema em tela, ela não está associada ao fim do sofrimento, nem como passagem para outra dimensão, sendo retratada, apenas, como uma etapa natural da existência humana.

Reforçando tal naturalidade, enfeita o leito com flores e utiliza o eufemismo "sono" para a caracterização da morte. Tal maneira serena de descrever essa passagem não exclui a dor, que é traduzida pelo canto do "[...] sabiá dolente" (JESUS, 1928, p. 21). Goiás é palco do crescimento da autora em tela, a natureza goiana com sua fauna e flora são temas recorrentes nas poesias leodegarianas. Os pássaros acompanham o florescer e o ruir de seus sonhos e amores de menina. Portanto, quando a poetisa imagina sua morte, não deixa de lado a presença novamente desses elementos naturais, neste caso, o escolhido é o sabiá, talvez por seu triste canto.

No último terceto, descreve o leito de morte do eu-lírico. Aliás, morte parece ser um substantivo forte para traduzir o desejo descrito, daí o eufemismo empregado, é o "[...] sonno derradeiro" que é almejado, nas plácidas e serenas colinas goianas. Sentimento este comum às características românticas às quais Leodegária retoma nesse e em outros sonetos. "Supremo Anhele" não é o único poema voltado às incertezas da morte; em "Relíquia" percebemos essa característica definida a partir da experiência do luto pela perda do pai.

No que concerne à evasão do sentimento, Campos (2020, p. 133) versa sobre a vontade do eu-lírico de "isolar-se em um mundo imaginado, em que, muitas vezes, surge um impacto entre o

que é sonhado e o que é real." Por isso, a solução encontrada é o desejo pelo sono profundo.

Ressalta-se a forte influência do romantismo nas poesias de Leodegária, estudada por Denófrio (2019, p. 39), que em seu ensaio 'Entre "Lyrios e Orchideas", o pássaro ferido' afirma que "Leodegária apresenta uma poesia marcada pelo pessimismo, melancolia, desejo de evasão, carregada daquela atmosfera doentia do "mal do século". No poema acima, estão presentes a evasão e o desejo da morte, fortes características dessa escola literária.

Ainda sobre a saudade de sua terra, Tânia Ferreira Rezende (2020) defende a hipótese de que as recorrentes mudanças de cidade a que ela foi forçada, durante a infância, podem ter impactado de veras a sua vida ao ponto de aparecerem em sua obra. "Supremo Anhele" é um exemplo de que, mesmo na vida adulta, essas andanças e desassossegos de que fala Rezende (2020), ainda eram pungentes para Leodegária, como percebe-se em outros poemas telúricos, como "Jatahy" e "Goyaz".

Para além das poesias em que a natureza se dá de forma telúrica, há produções nas duas obras leodegarianas em que a paisagem é descrita de maneira a materializar o sentimento vivido. Se há felicidade, a natureza aparece bela, florida e embalada pelos belos cantos dos pássaros. Por outro lado, se o sentimento é de descontentamento, a natureza se dá com a descrição de cantos comoventes de pássaros, com o sopro frio do vento. No poema apresentado no próximo tópico, é possível perceber esses dois aspectos: a passagem do amor e serenidade ao desamor e comoção.

3 A paisagem como espaço poético

Dentre os traços presentes na literatura romântica - em que Leodegária se insere com seu sincretismo - e destacados por Campos (2020), são perceptíveis na literatura leodegariana a religiosidade, a devoção à pátria e aos elementos da natureza local. É interessante perceber que a paisagem poética a que a poetisa se refere é o cerrado goiano, vegetação típica da região central

do Brasil, sendo predominantemente encontrada em Goiás, a terra natal da poetisa. Esse apego à terra natal a filia mais uma vez ao Romantismo.

O espaço físico marcou a vida e a obra de Leodegária. Em muitas das suas poesias, o cerrado é o que dá vida ao sentimento vivido, como no caso de "Ninho vasio", soneto em que pássaros personificam um casal apaixonado. Há uma relação entre sentimento e descrição da natureza nas obras da poetisa, em que o retrato do cerrado acompanha a emoção eternizada na poesia. É possível perceber essa relação, por exemplo, no soneto "Inverno" em que se descrevem nuvens sombrias; sol "tristíssimo" (JESUS, 1906, p. 35); mantos de neblina; trovões; aqui o vento não canta ou assobia como em poemas mais felizes, mas "ulula", geme (JESUS, 1906, p. 35); as nuvens rasgam-se em chuvas pesadas. Portanto, percebe-se o tom obscuro nas palavras da poetisa, "[...] horrendo, pavoroso" (JESUS, 1906, p. 35). O último terceto comprova que a aflição refletida na natureza é uma extensão da dor do eu-poético, que busca aconchego e paz na religião.

Há ainda poesias em que o cerrado aparece a partir de um olhar saudosista, como em "Jatahy" e "Goyaz", sendo que o primeiro faz parte do conjunto da obra *Corôa de Lyrios* (1906) e, o segundo, pertencente à *Orchideas* (1928). Nesse cenário, os sentimentos acentuados são de amor à terra, saudade da cidade e estado onde cresceu, como se pode perceber em "Jamais te esquecerei, berço adorado" (JESUS, 1928, p. 20), trecho de "Goyaz". Em "Jatahy" a idolatria à terra se destaca e a flora cerratense é belamente descrita: "Essa campina alacr'ante/ É meu berço idolatrado,/ É Jatahy adorado,/ Essa terra deslumbrante" (JESUS, 1906, p. 29).

A natureza também se torna uma das figurações do amor na poesia leodegariana. Aqui, chamamos a atenção a "Ninho vasio", de *Corôa de Lyrios*.

Ninho vasio

Por entre as ramas verdes, perfumadas, Que do ribeiro à margem vicejavam, Entre o sorrir das flores delicadas, Ninho gentil as auras balouçavam.

Dentro, um casal de passaros vivia, Em idyllio continuo, descuidado, E, docemente, a vida lhe corria,

Num transporte de amor immaculado.

Mas chega o inverno, em desamôr ferino, E então expulsa as aves, de momentos,

Do sorridente abrigo pequenino.

Hoje, esse ninho, a balouçar silente, Ao sopro frio e rispido do vento, Encerra em si um quadro commovente (JESUS, 1906, p. 21).

Neste poema, narra-se o espaço em que se encontra um ninho de um casal de pássaros que vive tranquilamente, o que é possível perceber pela descrição da natureza no primeiro quarteto, como por exemplo, "Por entre as ramas verdes, perfumadas" e "Entre o sorrir das flores delicadas" (JESUS, 1906, p. 21). Perceptível ainda no segundo quarteto quando descreve a forma com que esses pássaros vivem, sendo envolvidos pelo amor imaculado.

Com a chegada do inverno, o quadro descrito se encerra e os tercetos trazem fim ao cenário antes feliz. Com a chegada da nova estação, as aves são expulsas do abrigo até então acolhedor, finalizando-se, assim, um ciclo e iniciando outro, o que é sintetizado pela expressão "um quadro commovente" (JESUS, 1906, p. 21).

É um poema que desperta a sensibilidade do leitor, ao descrever a rotina de aves comuns ao cerrado goiano, sendo marcado pela felicidade outrora sentida através dos elementos da natureza. À primeira leitura, o poema parece evocar apenas a natureza, entretanto vale lembrar do teor autobiográfico de suas obras; segundo Denófrío (2019), Passarinho é o apelido dado à poetisa por sua família. Os pássaros que então se enamoram em paisagens bonitas, são separados por um terceiro agente: no poema, o inverno; na vida de Leodegária, o pai e os costumes tradicionais da época que a impediram de seguir o romance com o jovem a quem amou. Para além dessas projeções, fica a mensagem de que nada dura para sempre. A vida é constituída por altos e baixos, hoje alegria e tranquilidade, amanhã tristeza e desconforto. Todavia, a certeza de dias vividos felizes torna a vida repleta de "quadros comoventes" que embalam a memória dos apaixonados.

4 A ordem simbólica da família na poesia leodegariana

Imprescindível à vida artística de Leodegária foi o apoio de seu pai, José Antônio de Jesus. O mestre-escola incentivou as filhas a estudarem, ensinando-lhes lições de latim e contratando professores particulares. Os livros de Leodegária e muitos de seus poemas são reflexos de uma vida de devoção e carinho aos pais. Em *Corôa de Lyrrios* nos deparamos com dedicatórias como: "A vós, meus presados paes, dedico meu primeiro livro, uma petala murcha de minha vida." Sua segunda obra, *Orchideas*, é dedicada a seu já falecido pai, com os dizeres "À santa memória de meu pae". De acordo com Camargo "O adjetivo na frase reflete a visão da poetisa sobre o seu genitor, reiterada pela experiência de quem acompanhou o tormento que ele viveu nos últimos anos de vida." (2020, p. 158). Para Denófrío (2019, p. 30) "Na primeira obra, a figura da mãe se avulta; na segunda, eleva-se a do pai, cuja cegueira causava tanta dor à nossa poetisa". A cegueira e a percepção do pai como um mártir são o tema do soneto "Relíquia", que faz parte do segundo livro.

Relíquia

Essa cruz de madeira pequenina, Que tenho aqui, em frente de meu leito, Perante a qual meu coração se inclina,

A que beijo, com amor, quando me deito.

Essa cruz tão singela, tão franzina

Elle a trazia sempre sobre o peito; E quantas vezes quantas, á surdina

Surpreendi-o a beija-la com respeito!

Foi essa cruz a doce companheira De seu longo martyrio... da cegueira Embalsamou-lhe a noite tormentosa.

E, afinal, acolheu-lhe aquele beijo, O derradeiro, no ultimo lampejo De uma vida de martyr, dolorosa (JESUS, 1928, p. 81).

Este soneto evidencia a cultura que se tinha na família, ao deixar para os filhos alguns valores e costumes que deveriam ser acolhidos como uma herança. A cruz, símbolo católico do sofrimento de Jesus Cristo, também acompanha José Antônio em seu "longo martyrio" (JESUS, 1928, p. 81). Após o falecimento do pai, é ela quem herda a

"cruz de madeira pequenina" e dá continuidade à tradição de carregá-la ao peito e de beijá-la com carinho, costume que outrora fora do pai. No terceiro verso, o coração do eu poético se inclina perante a cruz, um ato que traduz a vontade deste de se aproximar do progenitor por meio de uma relíquia que já lhe pertenceu.

A cruz de madeira foi a companheira do senhor José durante o martírio da cegueira e durante a "tormentosa" noite em que faleceu, conforme referido no penúltimo terceto. O tormento da cegueira e da morte não foi sentido somente pelo pai, mas também pela família. Neste poema, traduz-se o luto de Leodegária. A cruz de madeira, adorada pelo pai é a representação da crucificação de Jesus na percepção cristã. No poema, a cruz é símbolo do sofrimento de seu genitor também.

Tal relíquia apresenta-se nesse soneto como a companheira das dores do pai, acolhendo-o no último beijo e instante de vida.

O místico relacionado ao catolicismo é significativo na obra leodegariana. Cosme Juares Moreira Streglio e Maria de Fátima Gonçalves Lima (2016) afirmam que a poética de *Orchideas* é marcada pelo sofrimento real e pela busca de relacionar o amor frustrado, vivido pela poetisa, ao sofrimento de Cristo. Consideramos ainda que a crença no catolicismo influenciou sua poética mesmo no que tange a outros temas, como é o caso da natureza e da família. Leodegária relacionou o sofrimento do pai, que também considerava um mártir, ao sofrimento, ou melhor, ao martírio de Cristo. Nota-se então a admiração devotada ao pai. De tal maneira, é necessário entender a figuração religiosa acentuada pelo sentimento romântico idealizado na poética leodegariana, para compreender a válvula de escape de sua escrita.

5 Oh! "como é doce o perfume/ Da flor, no mez de Maria!": a religião como evasão do sofrimento

A este ponto é possível perceber a presença religiosa nas obras de Leodegária; se no poema anterior é possível relacionar o pai à figura de

Jesus Cristo, no poema "Maio" que compõe sua primeira obra, é possível perceber o apego a outra forte figura do catolicismo: Maria. Muitas são as Marias na religião católica e muitos são os poemas com essa presença feminina. Segundo Maria Aparecida Barros de Oliveira e Dhéssik Lorrane Costa Oliveira Muniz (2020, p. 187), o eu poético nas obras leodegarianas é "[...] devoto à Virgem Maria, retratando-a como consoladora dos aflitos, mãe amorosa em quem se deposita confiança, símbolo da esperança e do amor divino." No poema em tela, o eu-lírico atribui as belezas da natureza no mês de maio à Virgem.

É com afeto que o eu lírico se refere a maio, sendo marcado por vários ritos em homenagem à mãe de Jesus. Mas não só a religiosidade é tema neste poema, há ainda a natureza como cenário e como "projeção do sentimento da poetisa na paisagem que descreve" (DENÓFRIO, 2019, p. 31), seguindo, assim, uma das linhas do Romantismo, qual seja, a natureza enquanto espelho dos sentimentos do eu poético:

Maio

A aurora surge fulgente, Cheia de encanto,
alegria, Porque raiou sorridente

O lindo mez de Maria.

As avesinhas exultam, Espalham doce harmo-
nia, Com meigo canto saúdam O lindo mez
de Maria.

Nos matagaes perfumados, A brisa meiga cicia,

Os ramos beija aljofrados, Saudando o mez
de Maria.

Neste mez um só queixume Não se ouve.
Quanta alegria Oh! como é doce o perfume,
Da flor, no mez de Maria!

Como é bella a natureza! Quanta doçura e
magia

Encerra e quanta belleza O claro mez de Maria!
(JESUS, 1906, p. 23).

Se em outros poemas, aqui analisados, há o sentimento de dor, neste predomina o oposto. A religião afugenta o sofrimento e acalenta o coração do eu-lírico que projeta na natureza aquilo que sente. Denófrío (2019, p. 30) afirma que a religião tem o papel de dar escape à realidade ou funciona como "bálsamo para a dor", outras vezes ainda é a "esperança cristã de redenção final [...]". A desilusão amorosa de sua vida é incentivo para

que se dedique à família e à religião.

Maio é personificado na primeira estrofe pelo raiar "sorridente". A poetisa divide sua felicidade com os elementos da natureza: também as "avesinhas" cantam felizes e harmoniosas na natureza perfumada pelas flores, e não há "um só queixume" que se possa ser feito ou ouvido.

O estudo biográfico que Denófrío (2019) faz permite-nos afirmar que a vida de Leodegária não foi fácil, pelo contrário, encontrou adversidades em seu caminho. Entretanto, toda e qualquer angústia deve ser deixada de lado no mês de maio, para que Maria seja adorada, o que confirma a religião como evasão de seu sofrimento. Antônio Candido (2002, p. 17) esclarece que a religiosidade poética do Romantismo "se distancia da devoção convencional para apresentar-se como experiência afetiva, que confere certa nobreza espiritual e foi sendo considerada cada vez mais posição moderna".

6 O sentimento romântico e a escrita como escape

Na poesia leodegariana, é possível reconhecer numerosos elementos românticos, dentre eles o excessivo olhar focado no sujeito que revela um individualismo centrado nos sentimentos. A partir da análise biográfica da poetisa, realizada por Darcy França Denófrío, torna-se notório o envolvimento amoroso de Leodegária com um indivíduo que, se observado por um viés mais humano e menos científico, será o responsável por profusas emoções em sua admiradora.

Por ora, a análise se comede a reconhecer e considerar que o texto lírico foi utilizado como um escape, onde o ato de escrever se tornou uma válvula de escape para lidar com os abalos morais e afetivos que eram supostamente provocados pela relação amorosa.

Segundo Margarida Losa (1984, p. 52),

No sentido em que toda a arte (e toda a literatura, particularmente) oferece objectos para uma auto-recriação nascísica, poderíamos dizer que sim, que toda a arte é escapista. Escapismo, aqui, no sentido duma arte que ajuda a manter as coisas como estão, distraindo e consolando pessoas que [...] gostam de se ver ao espelho, tanto para se consolarem na dor e no desâ-

nimo, como para se animarem na esperança de tranquilidade e felicidade. Na medida que o objecto artístico lhes fornece meios para tal, pode dizer-se escapista.

Assim, no poema "Meu segredo", que compõe a segunda obra literária de Leodegária, percebe-se um eu-lírico mais maduro – se comparado à obra anterior da escritora – e que guarda em sigilo aquilo que seria uma incógnita para o leitor. Esse mistério que o poema apresenta faz com que o leitor interprete de diferentes formas, mas sempre tendo como base a subjetividade do autor. Nesse caso, pressupõe-se que Leodegária de Jesus estava mais experiente, diferente do momento em que escreveu os primeiros poemas publicados.

MEU SEGREDO

Não m'o pergunte não... este segredo
Que me perfuma e me ilumina a vida
Essa historia tão simples, tão querida,
Não posso divulga-la; tenho medo.
Receio que o conheçam, que bem cedo M'o
despedacem, n'alma dolorida;
Deixa essa historia assim desconhecida,
Deixa morrer commigo este segredo.

Profundo, imenso, nobre, imaculado, Quero
traze-lo sempre, assim, velado
Ao mundo vil que temo por demais.

Por Deus não m'o pergunte mais, senhora,
Porque este nome que minh'alma adora,
O meu segredo... eu não direi jamais! (JESUS,
1928, p. 95).

Apesar do tom confessional, predominante no poema, o segredo não é dado por inteiro, apenas sugerido. O receio aqui é de que, caso o mundo vil descubra este amor, julgue-o, não o vendo com os mesmos olhos que enxergam nobreza e integridade. Assim, o nome do ente amado e os segredos que se relacionam a ele jamais serão revelados, sendo guardados com carinho e admiração.

Uma das características principais da escrita da poetisa é a contraposição de sentimentos. Nesse caso, o efeito foi evidenciado quando o eu-lírico demonstra que o segredo é uma fonte de inspiração, mas ao mesmo tempo causa-lhe medo. A confiança perfuma e ilumina a vida, mas em contrapartida, ao pensar que se partilha poderá ser julgado pelo "mundo vil" ao qual

teme, sente receio e preocupação.

Com relação ao julgamento, temido pelo eu-lírico, é importante destacar a posição de mulher, negra, de família tradicional e habitante de um país fiel aos valores patriarcais. Na década de 1930, a revelação de um segredo que envolvesse um relacionamento amoroso que não estivesse dentro do padrão considerado propício para a época, poderia trazer consequências extremamente prejudiciais, manchando a integridade feminina, colocando sua reputação em xeque.

Ao dizer que o segredo é "profundo, imenso, nobre, imaculado", percebe-se um eu-lírico maturo que reconhece o suposto relacionamento como intenso, que despertou o sublime e apreciável sentimento amor, tão puro ao ponto de ser nomeado como "imaculado". Ainda ressalta que tal nome é adorado por sua alma, e não arrisca divulgá-lo pelo julgamento que poderia receber e ouvir sobre o amado. Desta forma, o sujeito poético desabafa por meio do jogo linguístico em que a negação aparente de algo se constitui na sua própria revelação.

Considerações finais

É evidente que ao unificar três estéticas literárias diferentes entre si, Leodegária se constitui como uma escritora de transição, se inserindo nas letras goianas com apenas duas obras. *Corôa de Lyrios* e *Orchideas* que são produções significativas da literatura produzida em Goiás. De tons românticos, seus poemas apresentam também traços do parnasianismo e do simbolismo em pleno século XX, quando essas vertentes já tinham saído de cena no cenário nacional.

Os poetas goianos foram os últimos a escreverem sob uma estética que priorizava "a arte pela arte", com um rebuscamento fonético e sintático que valorizava a métrica, ou seja, escreviam com uma formalidade rara. Em contrapartida, tamanha formalidade era confrontada com um romantismo exacerbado que se construía em cima de subjetivismo, idealização, saudosismo e enaltecimento da natureza.

O amor paternal constituído em seio familiar é refletido na poesia através de dedicatórias, re-

velando ainda uma dedicação zelosa pelos pais e pelo legado deixado. Além disso, Leodegária conserva o amor religioso que foi desenvolvido e difundido em seu lar através dos pais, tendo como exemplo o poema "Reliquia", onde é revelado que a devoção religiosa herdada do pai da poetisa, serviu-lhe como conforto em momentos de dificuldade. Essa devoção é mantida por Leodegária que expressa através das poesias de amor religioso a consolação obtida por meio da fé.

A religiosidade também lhe serviu como escudo e base de fortalecimento para superar o amor frustrado na juventude. Esse amor é exibido na maioria dos poemas, às vezes com admiração, mas em outros momentos é retratado com revolta, melancolia e saudosismo. É expressado ainda o amor telúrico pelo estado de Goiás, onde a admiração pela pátria se constitui através da descrição de espaços que remetem à infância e adolescência. Por fim, o amor também é figurado na natureza por meio da exaltação ao cerrado goiano, onde a fauna e flora despertavam emoções e sentimentos na escritora.

Portanto, na poesia de Leodegária de Jesus, percebe-se a presença de um eu-lírico que alcança o extremo romântico. Dentre as características principais do movimento literário, a poetisa consegue abranger as principais manifestações e ainda inserir e dedicar os versos às experiências, pessoas e devoção de sua vida. Através da obra *Corôa de Lyrios* o leitor consegue reconhecer a presença de elementos que serviram de base e inspiração para as escolhas da poetisa. Já em *Orchideas*, encontra-se um eu-lírico que confirma a relevância dos elementos e a influência de cada um nas experiências que se desenvolveram ao longo do hiato até a produção.

Referências

CAMARGO, Goiandira Ortiz de. Tópicos sobre vida e obra de Leodegária de Jesus. *Leitura em Revista: Cora Coralina e Leodegária de Jesus*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 146-170, abr. 2020.

CAMPOS, Walter Gonçalves. Laivos da estética romântica na poesia de Leodegária de Jesus: a evasão. *Leitura em Revista: Cora Coralina e Leodegária de Jesus*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 124-145, abr. 2020.

CANDIDO, Antônio. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionários de símbolos*. Tradução de V. da Costa e Silva *et al.* 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006.

DENÓFRIO, Darcy França (org.). *Lavra dos goiases III: Leodegária de Jesus*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2019.

ELIADE, Mircea. *Mitos, sonhos e mistérios*. Tradução de Samuel Soares. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1957.

LOSA, Margarida Lieblich. Para que serve o romance? Empenhamento, escapismo e catarse: primeiros tópicos para um primeiro estudo interdisciplinar. *Humanidades: revista crítica de ciências sociais e humanas*, Porto, n. 4, p. 51-60, 1984.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Barros; MUNIZ, Dhéssik Lorrane Costa. Maria de Nazaré à luz poética de Alphonsus de Guimaraens, Leodegária de Jesus e Bruno Tolentino. *Leitura em Revista: Cora Coralina e Leodegária de Jesus*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 146-170, abr. 2020.

REZENDE, Tânia Ferreira. A aesthesis afrodiáspórica na poética de Leodegária de Jesus. *Leitura em Revista: Cora Coralina e Leodegária de Jesus*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 83-105, abr. 2020.

STREGLIO, Cosme Juarez Moreira; LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. O olhar poético de Leodegária da poesia goiana. *Revista Enciclopédia Biosfera*, Goiânia, v. 13, n. 23, p. 1518-1535, jun. 2016.

TELES, Gilberto Mendonça. *Estudos Goianos: A poesia em Goiás*. 2. ed. rev. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1983.

Mariana de Oliveira Borges

Pós-graduanda em Educação e Linguagens pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) /Unidade Universitária de Porangatu, em Porangatu, GO, Brasil; graduada em Letras Português-Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG)/Unidade Universitária de Porangatu, em Porangatu, GO, Brasil. Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na rede pública de ensino.

Lara Kamyla Paulina Falcão

Graduada em Letras Português-Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) /Unidade Universitária de Porangatu, em Porangatu, GO, Brasil. Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na rede pública de ensino.

Maria Aparecida Barros de Oliveira

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia, Go, Brasil; mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia, GO, Brasil. Professora efetiva da Universidade Estadual de Goiás (UEG), em Porangatu, GO, Brasil.

Endereços para correspondência

Mariana de Oliveira Borges

Av. Crixás S/N

Amaralina, GO, Brasil

Lara Kamyla Paulina Falcão

Rua 17, 39

Vila Gomes

Porangatu, GO, Brasil

Maria Aparecida Barros de Oliveira

Universidade Estadual de Goiás

Unidade Universitária de Porangatu

Av. Brasília, 2389

76550-000

Porangatu, GO, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação das autoras antes da publicação.